

Conjuntos habitacionais populares: relações entre vizinhanças e espaços livres públicos

Low-income housing neighborhood: relations between community and open spaces



Carla Fernanda Barbosa Teixeira

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe, Brasil
cafbt@ufs.br



Isabela Pereira Santos

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe, Brasil
isabelap.iedf@gmail.com

1

Resumo

As relações entre comunidade e espaços públicos em conjuntos habitacionais compreendem a possibilidade do despertar de comportamentos proativos (manifestando apropriação nos espaços e desenvolvendo sentimento de pertencimento) ou de rejeição (através de ações de vandalismo e depreciação espacial). Nesse sentido, esse estudo interdisciplinar entre a Arquitetura e a Psicologia apresenta ferramentas de mapeamento do comportamento humano bem como o levantamento de particularidades espaciais envolvidas na constituição de cada ambiente nos conjuntos habitacionais. Os objetos de estudo são duas praças em cada conjunto, Jardim Esperança e Augusto Franco, ambos localizados na região Sul da cidade de Aracaju, Sergipe. O estudo revelou que esses espaços livres públicos, previstos em lei, necessitam reunir um conjunto de qualidades ambientais para que os espaços possam ser reconhecidos e apropriados pela comunidade. Devido à variabilidade

das esferas envolvidas nesse estudo, entende-se que essas qualidades podem se diferenciar a partir de contextos heterogêneos dos apresentados aqui.

Palavras-chaves: Espaços livres públicos; Apropriação; Conjuntos habitacionais; Vizinhança; Comunidade; Pertencimento

Abstract

Relations between community and open spaces in low-income housing neighborhood include the possibility of evoker proactive behaviors (manifesting appropriation in spaces and developing sense of belonging) or rejection (through vandalism actions and spatial depreciation). In this sense, this interdisciplinary study between Architecture and Psychology presents tools of behavior mapping as well as survey of spatial particularities involved in the composition of each local in the housing neighborhood. The study objects are two squares in each the housing neighborhood, Jardim Esperança e Augusto Franco, both located in South area of city of Aracaju, Sergipe state. This study revealed open spaces, provided by law, need to collect a range of environmental qualities to that spaces may be recognized and appropriated by users. Due to the variability of the spheres involved in this study, it is understood that these qualities can be presented different of heterogeneous contexts have presented here.

Keywords: Open spaces; Appropriation, Low-income housing neighborhood; Community, Belonging

Introdução

Historicamente o processo de expansão das grandes cidades no mundo, com a evolução dos seus bairros centrais, data do fim do século XIX. Posteriormente, foram criados os bairros periféricos em subúrbios de cidades como em Roma, Amsterdã, Barcelona, Madri, Estrasburgo, Londres e Nova Iorque (HAROUEL, 1990). O autor ainda afirma que até a metade do século XIX, as regiões periféricas da cidade eram locais de passeios bucólicos da burguesia. Depois da explosão demográfica impulsionada pela revolução industrial, esses locais tornaram-se campo fértil para a implantação de conjuntos habitacionais, distanciando, cada vez mais, suas paisagens das particularidades rurais.

A configuração do bairro se caracteriza como uma estrutura homogênea em termos gerais, com particularidades espaciais, sociais, econômicas e com fronteiras físicas e invisíveis, relacionadas com a cidade (MOSER, 2018). É um local onde também as relações sociais se caracterizam por certa familiaridade, uma extensão das relações dos núcleos familiares, apresentando-se como um lugar seguro e conhecido. No universo dos bairros, há uma diferenciação que merece ser observada: os subúrbios, de baixo poder econômico, diferem dos bairros centrais pela carência de infraestrutura: menos opções de lazer, comércio, serviços, meios de mobilidade entre outros, ou seja, são locais com menor valor agregado de qualidade e comodidade de vida. Por outro lado, por estarem numa região já com infraestrutura consolidada, os bairros centrais são privilegiados em ofertas de serviços públicos e sua heterogeneidade, juntamente com opções de variedade em lazer, serviços, comércio, educação, segurança e saúde. Esses últimos, por se caracterizarem como polos geradores de fluxos e de encontro de diversas classes, tornam-se locais propícios para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento.

Inevitavelmente, os subúrbios por serem locais desprovidos de uma infraestrutura mínima em diversas frentes, caracterizam-se por locais onde as classes menos favorecidas acabam se instalando, devido à desvalorização imobiliária. Assim,

há duas variáveis que interferem na satisfação de populações de status social baixo quando se analisa as dimensões da situação habitacional: a ligação ao lugar da habitação e as relações com a vizinhança (AMERIO, 2000 apud MOSER, 2018).

Em se tratando da relação do bairro e a residência, a qualidade ambiental externa à moradia é classificada da seguinte forma: o caráter do bairro varia de acordo com a maior proporção residencial e área verde (bairro natural e tranquilo) à maior mescla de usos e proporção de espaço construído (bairro artificial e agitado) (CAMPOS FILHO, 2010). Adentrando nos extremos dessa escala de valores atribuídas, geralmente, os bairros com tendência de serem mais naturais e tranquilos estariam localizados em áreas mais distantes de áreas centrais, caracterizados por certo isolamento (de infraestrutura ou de distância física), onde estariam os bairros mais providos de infraestrutura de mobilidade, comércios, serviços, instituições públicas e educacionais, além de apresentarem maior adensamento.

Já o bairro com relação com a vizinhança, intrinsecamente relacionada à sociabilidade, depende de quão fortalecida está a ligação com o local, nos aspectos da qualidade e quantidade da rede de amigos e vizinhos mais próximos à localidade. A familiaridade pode se desenvolver através da vizinhança espacial, que é a conexão entre o homem e a sociedade, o ambiente e o ser humano (MILGRAM, 1977 apud MOSER, 2018). O estabelecimento dessa vizinhança, caracterizada por uma frequência de encontros e afetos, constitui uma identidade urbana onde se extrapola a relação polida entre vizinhos de uma comunidade, criando vínculos sociais e o sentimento de segurança e familiaridade (Moser, 2004).

Através do tipo de relação de vizinhança estabelecida (e mais recorrente), podem-se categorizar os bairros em geral, considerando frequência das interações, sentimentos de pertencimento, implicações na comunidade (interna/ externa) (WARREN & WARREN, 1975). As categorias se classificam como: comunidades integrais (para os indivíduos que se identificam com a comunidade, onde há muitas interações formais e informais, cujos interesses políticos vão além da mesma); comunidades paroquiais (com as características da anterior, diferindo que as interações nessa são exclusivamente centradas na própria comunidade); comunidades difusas (identificação

forte com o bairro, indivíduos amigos, mas centrados cada um na sua vida privada); comunidades de revezamento (alta rotação de residentes, em sua grande parte constituída por jovens, de classe social elevada, que preferem morar perto do trabalho, sem envolvimento com a vizinhança); comunidades transitórias (sem identificação/ interação local, apresentando alta rotatividade de residentes); ou comunidades anônimas (residentes que não se envolvem de maneira alguma e são isolados) (MOSER, 2018).

Essas classificações assumidas por esses dois autores tendem a simplificar a diversidade de fatores que interferem nas relações comportamentais estabelecidas entre os moradores com a comunidade, e a comunidade com o local. Assim, esse estudo objetiva identificar características, positivas ou negativas, que interferem nas relações entre vizinhança e áreas livres públicas em conjuntos habitacionais.

5

Objetos de estudo

Os objetos de estudo desse artigo são os Conjuntos Habitacionais Jardim Esperança (no bairro Inácio Barbosa) e o Augusto Franco (no bairro Farolândia), ambos situados à Zona Sul da cidade Aracaju e separados pelo Rio Poxim e sua área marginal de mangue. O bairro Inácio Barbosa, foi fundado na década de 70 e possui outros mais três Conjuntos Habitacionais (Inácio Barbosa, Beira Rio e Parque dos Coqueiros), de característica residencial com alguns comércios e serviços locais (SANTANA, 2017). Segundo o autor, o Conjunto Jardim Esperança, pioneiro no bairro, data de 1971 a sua implantação, cuja ação foi fruto de relocação de famílias, de baixo poder aquisitivo, de outra área da cidade. Foi observado no conjunto que várias vias urbanas apresentam-se sem saídas, dificultando a ligação intraurbana no bairro. E seus comércios e serviços foram criados para suprir as necessidades dos locais e desse “certo isolamento” causado pela malha viária. Já o bairro Farolândia, o mais distante da área central, é um dos três bairros mais populosos da cidade (Prefeitura Municipal

de Aracaju, s. d.). A fundação do Conjunto Augusto Franco recai a década de 80, onde contava com cerca de 70 mil habitantes distribuídos em unidades unifamiliares e multifamiliares (de até quatro pavimentos) já em 2012, apresentando comércios, serviços, equipamentos de saúde, educação e lazer para atendendo local e também bairros vizinhos (MENESES, 2012).

Foi realizado um recorte de análise dos espaços livres públicos nos bairros mencionados, selecionando duas praças em cada um, como destaca a Ilustração 01. Para esse estudo foram levantados dados relacionados à apropriação dos usuários nos espaços públicos, de forma não intrusiva, ou seja, centrado no indivíduo e no ambiente através de medidas não invasivas (observação e registro das concentrações e fluxos de pessoas relacionando-as com os vestígios encontrados, os entornos imediatos, mobiliários e equipamentos urbanos). A seguir, nas Ilustrações 02 e 03, apresentam-se as praças do Conjunto Jardim Esperança (praças Ângela Maria e do Cuscuz respectivamente) e do Conjunto Augusto Franco (praças Deputado Barreto de Andrade e Jornalista Orlando Dantas respectivamente). A pesquisa foi delineada durante o período de um ano, com realização de visitas diurnas, em dias de semanas e finais de semanas. Registros fotográficos, registros cartográficos, além do levantamento histórico de cada comunidade foram realizados para melhor compreensão da dinâmica dos dados.

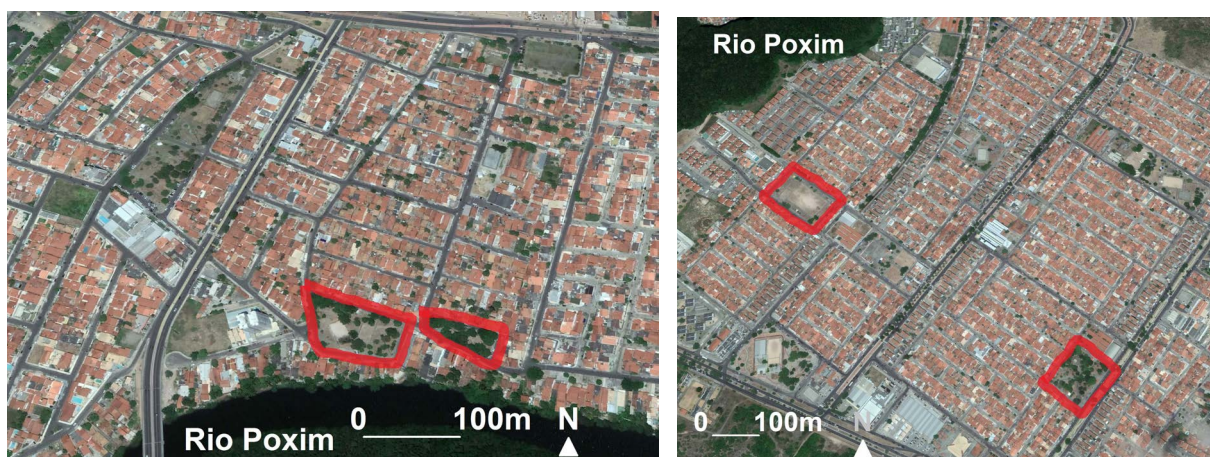


ILUSTRAÇÃO 01 DESTAQUES DAS LOCALIZAÇÕES DAS PRAÇAS ÂNGELA MARIA E DO CUSCUZ NO CONJUNTO JARDIM ESPERANÇA (À ESQUERDA); E DAS PRAÇAS DEPUTADO BARRETO DE ANDRADE E JORNALISTA ORLANDO DANTAS (À DIREITA), RESPECTIVAMENTE.

FONTE: ADAPTADO DE GOOGLE (2019)



ILUSTRAÇÃO 0 2: VISTA AÉREA DAS PRAÇAS ÂNGELA MARIA (ESQUERDA) E DO CUSCUZ (DIREITA) E SEUS ENTORNOS IMEDIATOS RESPECTIVAMENTE, NO CONJUNTO JARDIM ESPERANÇA
FONTE: ADAPTADO DE GOOGLE (2019)

7



ILUSTRAÇÃO 03: VISTA AÉREA DAS PRAÇAS DEPUTADO BARRETO DE ANDRADE (ESQUERDA) E JORNALISTA ORLANDO DANTAS (DIREITA) E SEUS ENTORNOS IMEDIATOS RESPECTIVAMENTE, NO CONJUNTO AUGUSTO FRANCO.

Resultados e Discussões

Os dados coletados, após tabulação, foram agrupados para melhor compreensão da análise e serão aqui apresentados em quatro categorias: vestígios, entornos, fluxos e concentrações, equipamentos e mobiliários urbanos.

Vestígios

Segundo Orenstein et all. (2017), as preferências de comportamento no ambiente externo (ao ar livre) possuem correlações significativas com percepções ambientais em espaços internos (esfera privada), admitindo-se como exemplos de direcionamento dessas percepções, as preocupações sociais e benefícios econômicos. Nesse sentido, foram observados e registrados nas praças alguns vestígios dos usos pessoais nos espaços, representados pelas transformações, temporárias ou permanentes, do ambiente público.

No Conjunto Jardim Esperança, nas praças Ângela Maria e do Cuscuz registraram-se vestígios de permanência no local, indicando zelo e o sentimento de pertencimento ao lugar: apropriação do espaço público com a ação de jardinagem: horta plantada e cuidada por morador; customização do mobiliário original da praça: instalação de redário, customização de mobiliário e espaço pela torcida de acordo com as cores do time, instalação de rádio (alimentado por eletricidade) e apropriação temporária do espaço com a instalação de piscina montável para lazer de crianças (Ilustração 04). Além disso, foram observados atividades de limpeza urbana (rua e praça), como também, realizações de podas em árvores pelos próprios moradores. No caso específico da piscina infantil, foi observado que o morador reside em lote subdividido, com a presença de outras residências. A única área livre do lote e visível da rua, é o acesso lateral e coletivo, onde há varal suspenso para secagem de roupas. Ou seja, consegue-se tecer um pensamento lógico de que a necessidade por mais espaço (na esfera privada) fez com que o morador se apropriasse da praça (esfera pública), e esse fato caracteriza a ação de estender os limites da própria residência. Não obstante, essa

ação se desencadeou pela associação a outros fatores como possibilidade de atuação da vigilância da comunidade e proximidade física do espaço com a própria residência (entorno).



ILUSTRAÇÃO 04: VESTÍGIOS NA PRAÇA ÂNGELA MARIA (PRIMEIRA IMAGEM À ESQUERDA) E NA PRAÇA DO CUSCUZ (DEMAIS IMAGENS)

9

Por outro lado, no Conjunto Augusto Franco, tanto as praças Deputado Barreto de Andrade como na Jornalista Orlando Dantas, foi registrado vestígios de passagem por estes locais, devido à presença de descarte de embalagens de comida, bebidas e entulho de obra, mas não houve evidências de cuidado e zelo pelos locais. Na segunda praça desse bairro foi observado o único gari, em todo o estudo, fazendo a limpeza do local (Ilustração 05).



ILUSTRAÇÃO 05: VESTÍGIOS NA PRAÇA DEPUTADO BARRETO DE ANDRADE
FONTE: TEIXEIRA & TAVARES (2017)

Esses vestígios demonstram que, apesar dos bairros serem populares e estarem localizados afastados do centro da cidade, no Conjunto Jardim Esperança, os espaços livres públicos são tratados como extensão dos espaços domésticos. O zelo e cuidado de todos os moradores proporcionam aos locais a segurança necessária para desfrutar de um espaço público, o que não ocorre no segundo conjunto, o Augusto Franco. Ainda no Conjunto Jardim Esperança, o ambiente público é cuidado porque há alguém que se responsabiliza por ele e, esse fato talvez gere maior inibição para ações de vandalismo, coibida talvez pela sensação de vigilância e possível flagrante. Isso reforça o que Jacobs (2011) afirma em sua obra sobre a ordem e segurança pública não serem mantidas exclusivamente pelo policiamento, mas fundamentalmente pela rede intrínseca, e quase inconsciente, de controles de padrões do comportamento humano. E ainda afirma que em conjuntos habitacionais com a alta rotatividade de moradores, configurando-se como comunidades transitórias de acordo com os conceitos de Warren & Warren (1975), são exemplos em que as manutenções da lei e da ordem pública ficam praticamente inteiramente a cargo da polícia e de guardas particulares, denotando bairros com perfis mais agressivos.

Outro fator que deve ser mencionado como contribuinte as ações de vandalismo e gerador de insegurança espacial é a presença de arbustos ou elementos urbanos funcionando como barreiras visuais (KUO & SULLIVAN, 2001). Muitos estudos apontam que vegetação de densos troncos, arbustos densos e com alturas que possibilitem esconder pessoas e agirem como barreiras visuais, como elementos urbanos que bloqueiem a visão ampla e geral espacial estão associados ao sentimento de medo de práticas criminais e insegurança em locais públicos como parques urbanos, campi de universidades e estacionamentos (SHAFFER & ANDERSON, 1985; NASAR & FISHER, 1993; FISHER & NASAR, 1992; KUO, BACAICOA & SULLIVAN, 1998; MICHAEL & HULL, 1994).

A particularidade de promover “certa privacidade” que alguns espaços públicos podem propiciar é associada às práticas ilícitas (MARUTHAVEERAN & VAN den BOSH, 2015; KNUTSSON, 1997). Nesse sentido, a Praça Deputado Barreto de Andrade propicia essa situação, por se caracterizar com dimensões físicas maiores e possuir áreas

internas distantes das áreas periféricas das mesmas, cujos locais possuem maior vigilância pela vizinhança, ideia ilustrada pelos registros da Ilustração 05.

Entornos

Os dois conjuntos possuem seus entornos das praças constituídos por lotes habitacionais que em praticamente toda a totalidade sofreram modificações, tanto de área construída como de tipologia de ocupação. Geralmente, houve o aumento da área construída no lote para adequar as necessidades dos habitantes e/ou a incorporação de um pequeno estabelecimento comercial ou serviços no mesmo local (Ilustrações 06 e 07). Os lotes quase não possuem áreas livres (Ilustrações 02 e 03), o que torna ainda mais importante as presenças de áreas públicas livres próximas a essas residências para promover higiene mental aos seus moradores.

Com relação ao arruamento do entorno das praças, o Conjunto Jardim Esperança possui mais vias interrompidas e locais, como já mencionado na caracterização do objeto de estudo. No entanto, o Conjunto Augusto Franco possui mais conexões com vias mais largas e de trânsito mais rápido (arteriais e coletoras). Esse fato é aqui apontado como contribuinte para influenciar no comportamento observado, com certas particularidades em cada conjunto habitacional. Explicando melhor, pelo menor distanciamento dos lotes imediatos em relação às praças no Conjunto Jardim Esperança, devido ao arruamento ser mais estreito e de trânsito estritamente local, foram observados moradores atravessando a rua para usufruir do espaço público próximo, como uma extrapolação do espaço imaginário da residência em direção à área pública. Já no Conjunto Augusto Franco, pelo arruamento ser mais largo e as vias propiciarem um trânsito mais veloz de automóveis, foram observados moradores ocupando apenas as calçadas adjacentes aos seus lotes, sem atravessar a via urbana e sem ocupação do espaço público livre à frente.



ILUSTRAÇÃO 06: ENTORNO PRÓXIMO DAS PRAÇAS ÂNGELA MARIA E DO CUSCUIZ RESPECTIVAMENTE.
 FONTE: TEIXEIRA & ARAGÃO (2018)



ILUSTRAÇÃO 07: ENTORNO PRÓXIMO DA PRAÇA DEPUTADO BARRETO DE ANDRADE E PRAÇA JORNALISTA ORLANDO DANTAS RESPECTIVAMENTE.
 FONTE: FOTO DAS AUTORAS, 2018.

Entornos com abordagens de usos diversificados e compatíveis com as atividades de uso residencial promovem interferências nos temas analisados neste trabalho: vestígios e fluxos/concentrações. Primeiramente, ao observar as imagens trazidas para ilustrar os vestígios nas praças dos dois conjuntos, percebe-se que é possível até identificar com certa nitidez os entornos, a partir dos locais onde foram encontrados os vestígios, nas praças do Conjunto Jardim Esperança. Esse fato, que não é repetido nos locais onde foram encontrados os vestígios de descarte de lixo e entulho na Praça Deputado Barreto de Andrade, no Conjunto Augusto Franco, nos induz a entender que a escala da praça (dimensões) é relevante. O comportamento humano pode ser influenciado pela vigilância involuntária, ou seja, as distâncias de pontos no interior dos espaços livres públicos até seus entornos imediatos devem propiciar que se possa identificar com nitidez pessoas e suas atividades. Em outra análise, o uso diversificado do entorno das áreas

livres públicas, com horários distintos, pode promover polos geradores de fluxos mais homogêneos com relação a distribuição ao longo de todo um dia, e conseqüentemente, criar o sentimento de segurança pela movimentação continuada de pessoas nas áreas externas, em consonância com a tese de vizinhança vigilante de Jacobs (2011).

Fluxos e concentrações

Em se tratando de ambientes externos, expostos às diversas intempéries e desejando torná-los mais atrativos para seus usos (circulação e estar de pessoas), é primordial que estratégias para proteção, total ou parcial, de seus usuários sejam projetadas. Assim, no caso de Aracaju, cujo clima é quente-seco no verão e quente-úmido no inverno, a presença de áreas protegidas da exposição solar direta é fundamental para que uma área livre pública deixe de ser utilizada apenas como passagem, conferindo maior qualidade ambiental. Nesse sentido, a pesquisa de Orenstein et al. (2017) reforça que numa escala de preferências aplicadas aos residentes próximos de uma área livre na Escócia, foram verificadas que variáveis relacionadas ao clima ocupavam as posições extremas nessa escala. Devido à predominância de clima frio local, as presenças de sol e calor foram relacionadas como preferências altas condicionadas ao uso da área livre, enquanto que vento surgiu na posição oposta.

Os registros de fluxos e concentrações observados nos espaços públicos livres de Aracaju foram traduzidos em mapas comportamentais. A Ilustração 08 ilustra dois mapas comportamentais, das praças Ângela Maria e do Cuscuz respectivamente, no período da manhã. Não se verificaram diferenças significativas entre os mapas comportamentais entre os dias da semana e finais de semana, como também o período da tarde. Ambas as praças não possuem equipamentos urbanos geradores de fluxo e concentrações de pessoas (ponto de ônibus e quiosques), contudo, foram observados fluxos de pessoas, vindas da direção da via arterial próxima e do bairro vizinho. Essas duas praças são mais arborizadas que as praças do outro conjunto estudado e, consi-

derando o clima quente de Aracaju, são imprescindíveis para convidar seus usuários a permanecer nos locais ao ar livre. Foram observadas concentrações de pessoas sob as copas das árvores. A não presença de arbustos contribuiu para oferecer mais segurança visual aos usuários dos locais. Na Praça do Cuscuz, que possui maior número de pequenos comércios e serviços no entorno imediato, foram observados mais pessoas concentradas, não residentes no entorno imediato.

Os mapas comportamentais nas praças do Conjunto Augusto Franco revelaram que os usuários utilizam-se do espaço livre público para passagem, como solução para encurtamento das trajetórias percorridas. Assim, o projeto paisagístico implantado na Praça Jornalista Orlando Dantas, reforça isso (Ilustração 09), além da mesma apresentar menores dimensões e ser mais arborizada, assemelhando-se as características das outras duas praças do Conjunto Jardim Esperança. Os quiosques adicionam mobiliário móvel, em material plástico, quando estão abertos no período diurno, o que permite a adequação das mesas e cadeiras com a trajetória do sol, invadindo o gramado por certas vezes, ilustrando as concentrações registradas no interior da praça. No local também foi observado movimentações em função do ponto de ônibus, da presença de alunos da escola ao lado (lateral nordeste da praça) e de alguns jovens, suspensos nas copas das árvores para práticas não lícitas (ou seja, reforçando o tema da “necessidade de certa privacidade” para tais atividades). Já na Praça Deputado Barreto de Andrade, o projeto paisagístico não contribui para reforçar essa característica e verificam-se adequações de trajetos realizados pelos usuários (cruzamentos pelo campo de futebol). Esse fato revela uma incompatibilidade entre necessidades locais e soluções de projeto adotadas para o local, que foi ainda o espaço público mais deserto, com pequenas concentrações devido ao ponto de ônibus e grupo de pessoas que consumiam drogas ilícitas e se movimentavam conforme a equipe se deslocava pela praça, mantendo o distanciamento. Não houve diferenciação significativa entre os fluxos e concentrações com relação aos dias da semana e períodos observados.

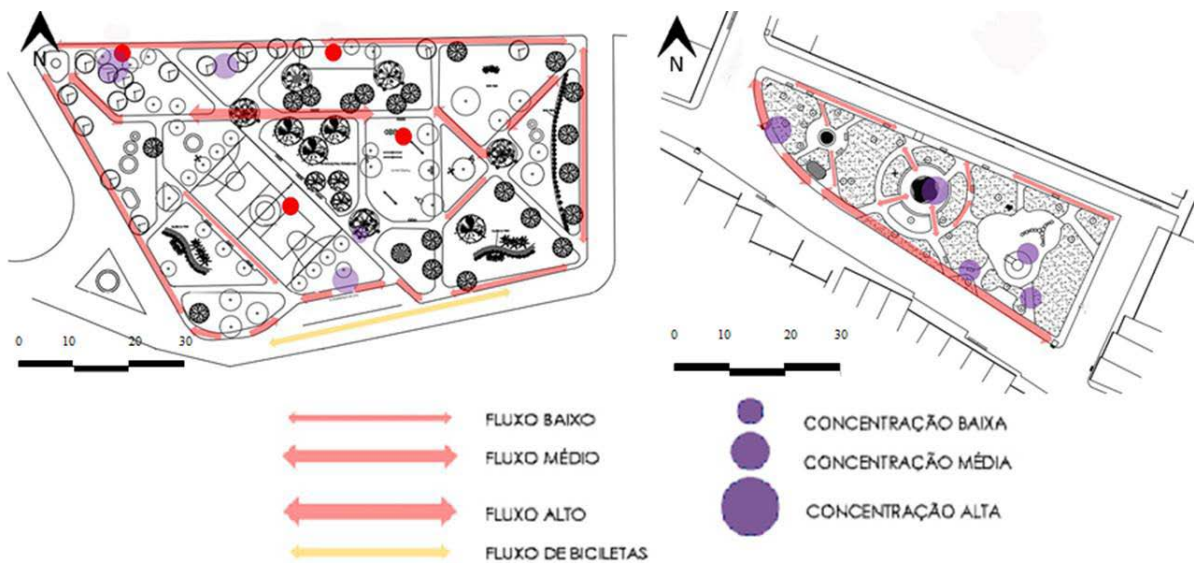


ILUSTRAÇÃO 08: FLUXOS E CONCENTRAÇÕES DE PESSOAS NAS PRAÇAS ÂNGELA MARIA E DO CUSCUZ RESPECTIVAMENTE, NO CONJUNTO JARDIM ESPERANÇA, PELA MANHÃ. ESCALA EM METROS. FONTE: TEIXEIRA ET AL (2018)

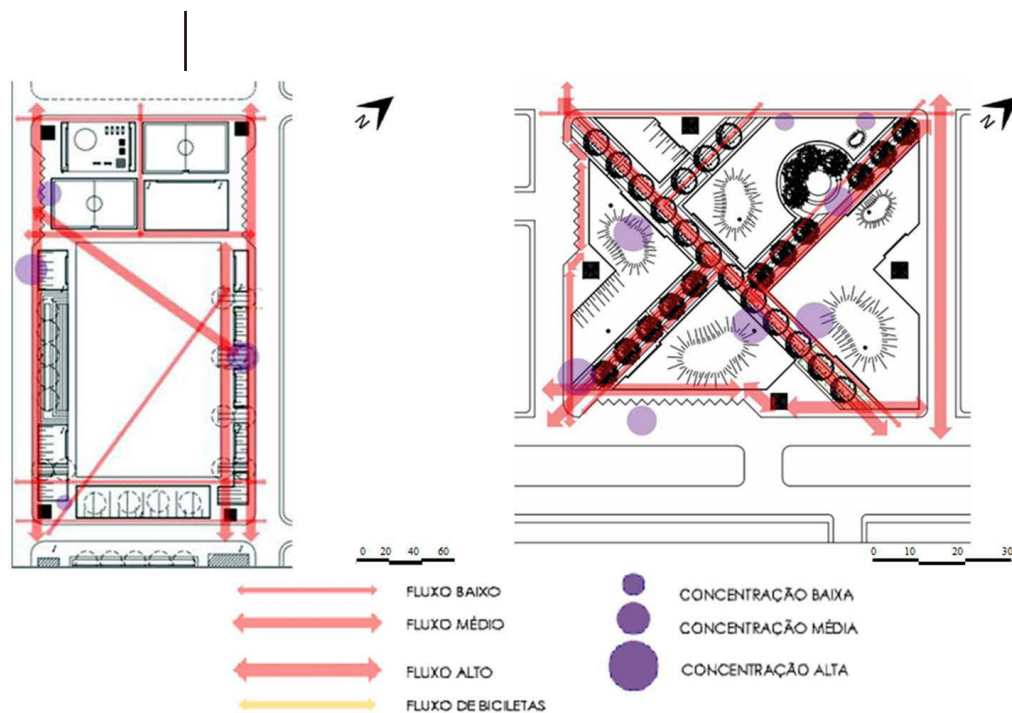


ILUSTRAÇÃO 09: FLUXOS E CONCENTRAÇÕES DE PESSOAS NAS PRAÇAS DEPUTADO BARRETO DE ANDRADE E JORNALISTA ORLANDO DANTAS RESPECTIVAMENTE, NO CONJUNTO AUGUSTO FRANCO, PERÍODO DA MANHÃ. ESCALA EM METROS. FONTE: TEIXEIRA & TAVARES (2017)

Equipamentos e mobiliários urbanos

Os equipamentos e mobiliários urbanos são pertinentes quando se remete a oferecer aos usuários espaços convidativos à permanência e uso. Com relação a esse aspecto, ambas as praças, além de bancos e iluminação aérea, contam com quadras de areia, parquinho e calçamento. Somente as praças do Conjunto Augusto Franco possuem quiosques, de grande porte, para comercialização de refeições, sorvetes e lanches. Em nenhuma das quatro praças, foram observadas lixeiras instaladas e os brinquedos dos parquinhos remanescentes são modelos confeccionados em concreto armado (Ilustração 10).

O estado de conservação dos equipamentos como bancos e mobiliário do parquinho está bem prejudicado. O material de confecção dos mesmos nem sempre é o mais adequado para o uso em relação ao conforto ergonômico e segurança dos usuários, no entanto, considerando que são espaços mantidos pela administração pública, o apelo aos materiais mais resistentes às ações de intempéries e ao vandalismo sempre é observado, como por exemplo, o emprego do concreto armado em vez da madeira. Assim, balanço e gangorra são mobiliários escassos nesses ambientes devido à deterioração da parte composta por madeira e ferro (Aracaju tem uma atmosfera bem agressiva devido à proximidade com o mar). O escorregador, por vezes, é o único brinquedo remanescente, em concreto armado, no entanto, oferece risco de acidentes devido à presença de superfícies ásperas e pelo material não ser um bom isolante térmico, como a madeira, por exemplo. Nessa mesma lógica de comportamento térmico dos materiais empregados nos mobiliários do parquinho, bancos locados sob exposição solar, dificilmente serão ocupados durante o dia. E ainda com relação aos bancos, faltam apoios para as costas e braços, dificultando a permanência prolongada e restringindo o acesso de pessoas idosas ou com alguma limitação na mobilidade.



Gazebo e mesa instalados pelos moradores



Bancos e amarelinha em concreto armado



Escorregador em concreto armado



Brinquedos em concreto armado



Quiosque que funciona como restaurante



Bancos e mesas em concreto armado

ILUSTRAÇÃO 10: MOBILIÁRIO URBANO DAS PRAÇAS ÂNGELA MARIA (GAZEBO E AMARELINHA) E DO CUSCUZ (ESCORREGADOR) NO PLANO SUPERIOR; EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO URBANOS DAS PRAÇAS DEPUTADO BARRETO DE ANDRADE (ESCORREGADOR) E JORNALISTA ORLANDO DANTAS (QUIOSQUE E CONJUNTOS DE MESAS COM BANCOS) NO PLANO INFERIOR RESPECTIVAMENTE.

FONTE: FOTO DAS AUTORAS, 2018.

Ainda segundo informações observadas no final do dia na Praça Deputado Barreto de Andrade, a apropriação de pessoas aos espaços dessa praça deve ocorrer mais à noite, condicionada ao horário noturno de funcionamento dos quiosques que comercializam alimentação e bebidas. No entanto, em particular para essa praça, os quiosques presentes possuem funcionamento noturno (conforme levantamento no local) e como o estudo foi delineado para ser diurno, não temos esses registros, diferentemente dos quiosques da Praça Jornalista Orlando Dantas, de funcionamento diurno.

De acordo com Jacobs (2011), crianças precisam de oportunidades para praticar esportes, brincar e exercitarem suas destrezas físicas num local ao ar livre e próximo de seus lares como as calçadas, que fornecem esse espaço informalmente. No entanto, discorda-se da autora quando ela refere-se que esse divertimento caseiro

ao ser transferido para locais como playgrounds e parques, há o esbanjamento de recursos humanos para a manutenção desses espaços. Pelo contrário, acredita-se que a transferência dessas atividades para espaço projetado adequadamente para tal função, promove não só mais segurança para as crianças, como libera as calçadas para a livre e segura circulação de pessoas; considerando que na realidade brasileira de conjuntos habitacionais, as calçadas quase sempre não possuem dimensões suficientes para abrigar os elementos essenciais à sua funcionalidade primordial. E no caso particular das praças em questão, acredita-se que esse fato, de ter crianças usufruindo desses espaços no interior das praças, pode promover maior atenção e vigilância de adultos para tais espaços, o que contribui para o desenvolvimento da sensação de segurança neles.

Considerações Finais

18

Espaços livres públicos são fundamentais para o funcionamento da cidade, considerando-a como um organismo vivo e dinâmico, mas também para a manutenção da qualidade de vida saudável para o ser humano. Possuindo qualidades ambientais que promovam as dignas apropriações e seus usos, esses ambientes são responsáveis por certa diversidade na paisagem urbana, por representarem áreas de respiro na malha urbana e por se configurarem como locais para a prática de lazer e esportes, próximos aos domicílios. No entanto, são locais que se apresentam nos grandes centros urbanos, geralmente, como espaços sem muito uso, degradados e vandalizados. Agravados por projetos urbanos e paisagísticos em sua grande parte equivocados, adiciona-se à questão do custo oneroso gerado para a manutenção e conservação, quase sempre provida pelo público.

Nessa pesquisa, os espaços livres públicos em bairros populares, ainda assim se diferenciaram em algumas relações às particularidades do local e o entorno próximo, como ilustraram os dados. Para melhor elucidar essas relações, a Psicologia Ambiental

contribuiu com ferramentas de mapeamento do comportamento humano que aliadas às características ambientais que permitiram realizar as seguintes cinco considerações a respeito dos objetos de estudo:

1) Considerando que os dois bairros são populares e possuem habitações sociais, a existência de espaços livres privados nos lotes é praticamente reduzida à nulidade, logo a necessidade de espaços livres e públicos se faz mais pertinente para as atividades de higiene mental e qualidade de vida dos habitantes. E em se tratando de compensar a falta de área livre privada no próprio lote, ações de apropriações do espaço livre público foram observadas, reforçando o acima citado e indicando o sentimento de pertencimento ao espaço externo e próximo à residência;

2) A inserção desses espaços livres públicos na malha urbana com vias locais foi mais promissora para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e apropriação dos espaços, acreditando-se que a proximidade física do entorno com as praças permitem expandir os limites imaginários dos lotes até o ambiente público mais próximo. Logo, o Conjunto Jardim Esperança se aproxima do conceito de comunidades paroquiais e dos conceitos de tranquilo e menos elementos artificiais, com maior proporção residencial para a qualidade ambiental do bairro;

3) Por conseguinte, o Conjunto Jardim Esperança por ser uma comunidade mais atenta e zelosa pelo o que acontece além dos limites físicos de cada lote, o cuidado e manutenção do espaço livre público passa a não ser mais uma tarefa exclusiva do poder público, contribuindo também para uma vigília contra ações de vandalismo e para o sentimento de segurança nesses espaços;

4) Por outro lado, as praças do Conjunto Augusto Franco, sejam pelas dimensões espaciais ou pelas inserções ao lado de vias arteriais e coletoras, não apresentaram o mesmo tipo de interação entre seus moradores, limitando a apropriação dos espaços externos às calçadas adjacentes de cada lote. Assim, essa vizinhança se assemelha mais ao comportamento de comunidades difusas, com tendência à menor presença de verde, maior frequência de mescla de usos, maior agitação na configuração da qualidade ambiental;

5) E dessa forma, essa vizinhança com essa apropriação pontual e transitória, limitada a proximidade de cada lote, os espaços livres públicos do Conjunto Augusto Franco se configuraram como algo alheio ao cuidado dos moradores, com fraca conexão de pertencimento dos residentes do bairro;

Conclui-se que no caso dos conjuntos estudados e seus espaços livres públicos, há um ambiente imaginário entre habitação social e espaço público constituído de características particulares e físicas (urbanas, paisagísticas e edificadas) que são de relevância para o comportamento humano mais proativo em relação à apropriação do espaço livre público. Acredita-se que esse espaço imaginário tem limites flexíveis e que podem ser moldados (retraindo e ou expandindo-se), de acordo com as relações criadas e cultivadas na vizinhança. Quando esse ambiente imaginário não apresenta tais condições para uma comunidade, o que se observou são ações limitadas e efêmeras de apropriação ou comportamento de rejeição da existência do espaço público. São necessários estudos aprofundados em cada comunidade para que se compreenda melhor como esses espaços se configuram, ainda mais admitindo-se o vasto universo de diversidades de situações de comunidades e espaços livres públicos que se apresentam no país, para quiçá ter-se espaços públicos livres mais condizentes com as necessidades humanas de cada local.

Referências

AMERIO, P. **Psicologia di comunità**. Bologna: Il Mulino, 2000.

CAMPOS FILHO, C. M. **Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade**. São Paulo: editora 34, 2010.

FISHER, B. S.; NASAR, J. L. Fear of crime in relation to three exterior site features: prospect, refuge, and escape, **Environment and Behavior**, 24, pp. 35-65, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1177/0013916592241002>.

GOOGLE. Google Earth Pro. **Software de visualização do globo terrestre via satélite e por imagens aéreas e GIS 3D**. Bairros da Farolândia e Inácio Barbosa, Aracaju,

Sergipe. Acesso em 2019.

HAROUEL, J.-L. **Historia do Urbanismo**. Tradução Ivone Salgado. Campinas: Papi-rus, 1990.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa do título original: *The death and life of great American cities*. Coleção Cidades, 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KNUTSSON, J. Restoring public order in a city park, *Policing for Prevention - Reducing Crime, Public Intoxication and Injury*, **National Council for Crime Prevention**, Swe-den, 7, pp. 133–151, 1997. Disponível em: <https://www.justiceacademy.org/iShare/Library-COPS/cops-p163-pub.pdf>

KUO, F. E.; SULLIVAN, W. C. Environment and crime in the inner-city: does vegetation reduce crime? **Environment and Behavior**, vol. 33, n. 3, pp. 343-367, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1177/0013916501333002>

KUO, F. E.; BACAICOA, M.; SULLIVAN, W. C. Transforming inner-city landscapes: trees, sense of safety, and preference, **Environment and Behavior**, 30, pp. 28-59, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1177/0013916598301002>

MARATHAVEERAN, S. VAN DEN BOSH, C. K. Fear of crime in urban parks – What the residents of Kuala Lumpur have to say?, **Urban Forestry & Urban Greening**, 14, pp. 702–713, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2015.05.012>

MENESES, A. Após 30 anos de fundação conjunto Augusto Franco apresenta mudan-ças. In: **F5news, seção Cotidiano**, 07/05/2012. Disponível em: https://www.f5news.com.br/cotidiano/apos-30-anos-de-fundacao-conjunto-augusto-franco-apresenta-mudancas_4728/. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

MICHAEL, S. N.; HULL, R. B.; ZAHNM, D. L. Environmental factors influencing auto burglary: a case study, **Environment and Behavior**, vol. 33, n. 3, pp. 368-388, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1177/00139160121973034>

MILGRAM, S. **The individual in a social world**. Reading, Mass.: Addison-Weslwy, 1977.

MOSER, G. **Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente**. Tradução de Luís Guerreiro Pinto Cacais. Campinas: Editora Alínea, 2018.

MOSER, G. Les conditions psychosociales et environnementales d'un sentiment de

sécurité. **Psychologie & Société**, n.7, p.11-24, 2004.

NASAR, J. L.; FISHER, B. S. "Hot spots" of fear and crime: a multi-method investigation, **Journal of Environmental Psychology**, 13, pp. 187-206, 1993. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80173-2](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80173-2)

ORENSTEIN, D.; KATZ-GERRO, T.; DICK, J. Environmental tastes as predictors of environmental opinions and behaviors. **Landscape and Urban Planning**, n.161, pp. 59–71, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2017.01.005>

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU. **Prefeitura investe mais de R\$ 150 milhões em obras na Zona Sul**. (s.d.). Disponível em: <https://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=69798>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

SANTANA, V. **Documentário Conjunto Jardim Esperança Aracaju-SE**. (s.d.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O1ZKbJoYQt0>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

SHAFFER, G. S.; ANDERSON, L. M. Perceptions of the security and attractiveness of urban parking lots, **Journal of Environmental Psychology**, 5, pp. 311-323, 1985.

TEIXEIRA, C. F. B; ARAGÃO, J. K. L. S. de; CARVALHO, J. A. L. M. de; SANTOS, I. P. Relação de praças com a apropriação dos espaços e o sentimento de pertencimento. In: Anais ... **Congresso Internacional de Sustentabilidade Urbana: 14ª Jornada Urbanere e 2ª Jornada Cires**, 5 a 7 de dezembro de 2018. Vila Velha: Universidade de Vila Velha-UVV, 2018.

TEIXEIRA, C. F. B; TAVARES, Y. G. Mapas comportamentais. Relatório do plano de trabalho da pesquisa PVF4876-2016 - **Caracterização bioclimática de praças de um bairro popular na cidade de Aracaju**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Universidade Federal de Sergipe. 65p., 2017.

TEIXEIRA, C. F. B; ARAGÃO, J. K. L. S. de. Caracterização das áreas limítrofes. Relatório do plano de trabalho da pesquisa PV5429-2017 - **Caracterização bioclimática de praças de um bairro na cidade de Aracaju: Inácio Barbosa**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Universidade Federal de Sergipe. 49p., 2018.

WARREN, D. I. & WARREN, R. B. Parochial, diffuse or stepping-stone? Six kinds of neighborhoods. **Psychology Today**, n.9, p. 74-80, 1975.

Artigo originalmente apresentado de forma oral no evento 2º SEPPAS - Seminário de Planejamento, Paisagem Urbana e Sustentabilidade, Goiânia, Goiás, Brasil de 04 a 06 de novembro de 2019 e publicado nos Anais do 2º SEPPAS- Seminário de Planejamento, Paisagem Urbana e Sustentabilidade, em 2019. DOI: 10.29327/114056.2-21

RECEBIDO EM: 12/05/2020

APROVADO EM: 31/05/2020

PUBLICADO EM: 24/06/2020